

EXPOSIÇÃO
Guanabara,
o abraço do mar

Glauco Rodrigues, Icaro

 **FGV ARTE**

 **AGUAS DO RIO**

NA MESMA BAÍA ENTRAMOS E NÃO ENTRAMOS

Era um rio. Depois de milhões de anos, tornou-se baía. Para seus percorredores primordiais, era o Começo do Mundo. Um belo dia, para visitantes de longínqua proveniência, pareceu de novo um rio. Ficou desde então assentado que era, sim, uma baía, bela (ou banguela). E trata-se, doravante, do que poderá ser. Eis o que as obras de diversas épocas e de autores de distinta visada aqui apresentadas nos convidam a considerar.

Primeiramente, as bases. A formação geológica do acidente que veio a ser a Baía da Guanabara foi longa e complexa, uma vez que envolveu minerais tanto vulcânicos quanto sedimentares; se os gnaisses que formam os marcos característicos do Pão de Açúcar e do Morro da Urca se destacam ao olhar, são os manguezais do fundo da Baía, nutridos por sedimentos milenarmente trazidos por dezenas de cursos d'água, que definem sua fecundidade e pujança biológica. O entorno imediato da Baía, de fato, incorpora cinco variedades ou aspectos do bioma da Mata Atlântica – campos de altitude, floresta montana, floresta de baixada, manguezais, as águas marinhas. Cada estrato congrega repertórios de espécies diferentes, compondo um mosaico de heterogeneidades e interdependências que fazem da Baía um polo de estupenda diversidade.

Talvez essa superabundância de vida e variedade é que tenha inspirado os ancestrais dos tukano e desana, que hoje vivem nas margens do Alto Rio Negro, na Amazônia, a localizar precisamente na Baía o domínio em que a Avó do Mundo fez tudo principiar. Dezenas de décadas e milhares de léguas depois, seus anciãos seguem reconhecendo e perpetuando as feições da Baía em seus relatos de fundação. Os tupinambá que a ocuparam em seguida é que a chamaram de *Goanã-pará*, um “seio do mar”. Em janeiro de 1502, ao contemplar estupefato seus costões rochosos e suas reentrâncias sinuosas, Américo Vespúcio equivocou-se quanto a ser a foz de um rio (é a foz de muitos), mas foi certo ao sugerir, nas epístolas a seus patronos florentinos, que se assemelhava a um lugar encantado, ou transfigurado, uma refração do Paraíso – uma possível inspiração para, em breve, Thomas More batizar de *Utopia*, lugar-nenhum, ou, antes, lugar fora de lugar, seu imaginado país das liberdades.

Foi assim, supondo um rio que há eras já não era, que Estácio de Sá fundou um Rio novo – um caudal de imensas belezas e indescritíveis injustiças, inicialmente para com as populações indígenas originárias, tupinambá, tupiniquim, temiminó, tamoió, aniquiladas à força de arcabuzes, varíolas e catecismos; e, nos séculos XVII a XIX, para com a legião de africanos escravizados traficados através do Atlântico – estimam hoje os estudiosos que mais de



um terço dos seis milhões de cativos trazidos para as Américas adentrou o Novo Mundo pelo porto do Rio de Janeiro, horror histórico e constitutivo de que são testemunho, como diz a canção, as pedras pisadas do cais do Valongo, por tanto tempo soterradas... Assim o Brasil se tornou África; e entre invasões, epidemias, cortes portuguesas e favelas, a Baía se tornou cosmopolita.

Dela se dizia, no começo do século XX, quiçá com patriotismo desmesurado, que podia abrigar todas as frotas do mundo. Decerto era intensa a navegação interna, entre os portos litorâneos que subsistem ainda somente no nome de municípios e bairros, e rumo às dezenas de praias hoje desusadas, por meio de naus, barcas, batéis e botes de todo o tamanho e feitio, substituídos, enfim, já na República, pelas modernidades do vapor. Mais e mais seu entorno foi ocupado, seus mangues drenados, seus rios canalizados, suas bordas aterradas, sua limpidez embaçada, seus cavalos-marinhos enlaçados a mobílias, e tanta gente veio, de tanta parte, no seio da Baía guanabarinosa todos, até apresentar-se hoje a metrópole vasta com a qual ela mesma passou a se confundir e cujo perene enigma o registro de múltiplos artistas, quer minucioso quer panorâmico, quer documental quer delirante, nos aponta e nos desguia nesta exposição. O que saberemos menos, Guanabara, seu passado ou seu futuro? Que ao menos venha de ti, sempre, o abraço.

Luiz Alberto Oliveira
Curador Associado

Alfredo Ceschiatti

Guanabara, 1965. Bronze.

Coleção Kakay (Antônio Carlos de Almeida Castro).

A Águas do Rio, concessionária da Aegea, líder no setor privado de saneamento básico no Brasil, é responsável pelo abastecimento de água e esgotamento sanitário em 27 municípios do estado do Rio de Janeiro, incluindo 124 bairros da capital, atendendo 10 milhões de pessoas.

Durante o período de concessão, iniciado em 1º de novembro de 2021, a companhia realizará o maior investimento em saneamento básico no país, em torno de R\$ 39 bilhões. R\$ 15,4 bilhões em outorga, para serem aplicados em projetos prioritários dos governos estadual e municipais, e R\$ 24,4 bilhões para a universalização dos serviços de água e esgoto, que será alcançada nos primeiros 12 anos, em alinhamento ao novo Marco Regulatório de Saneamento.

Esses números representam um passo importante rumo à preservação do meio ambiente e são frutos da experiência em gestão em saneamento, eficiência operacional, firme compromisso com a sustentabilidade e com a saúde e dignidade das pessoas.

O compromisso da companhia não é somente com a busca constante pela excelência dos serviços prestados, mas também com o desenvolvimento de programas e projetos com potencial de transformação social, que contribuam para elevar os índices de desenvolvimento humano.

Por isso, incentivamos ações junto às comunidades que melhorem a perspectiva de um futuro mais sustentável, reduzindo as diferenças sociais e garantindo a qualidade de vida das pessoas e do planeta.

AGUAS DO
ae RIO

SELEÇÃO DE OBRAS DA MOSTRA
GUANABARA,
O ABRAÇO DO MAR



Gustavo Dall'ara *A ronda da favela*, 1913. Óleo sobre tela.
 Coleção Hecilda e Sérgio Fadel.



Otto Grashof *Niterói*, s.d. Óleo sobre tela. Coleção particular.



Antônio Rafael Pinto Bandeira *Efeito da Ressaca de 1892*, 1892. Óleo sobre tela. 50 x 99,50 cm. Coleção Hecilda e Sérgio Fadel.



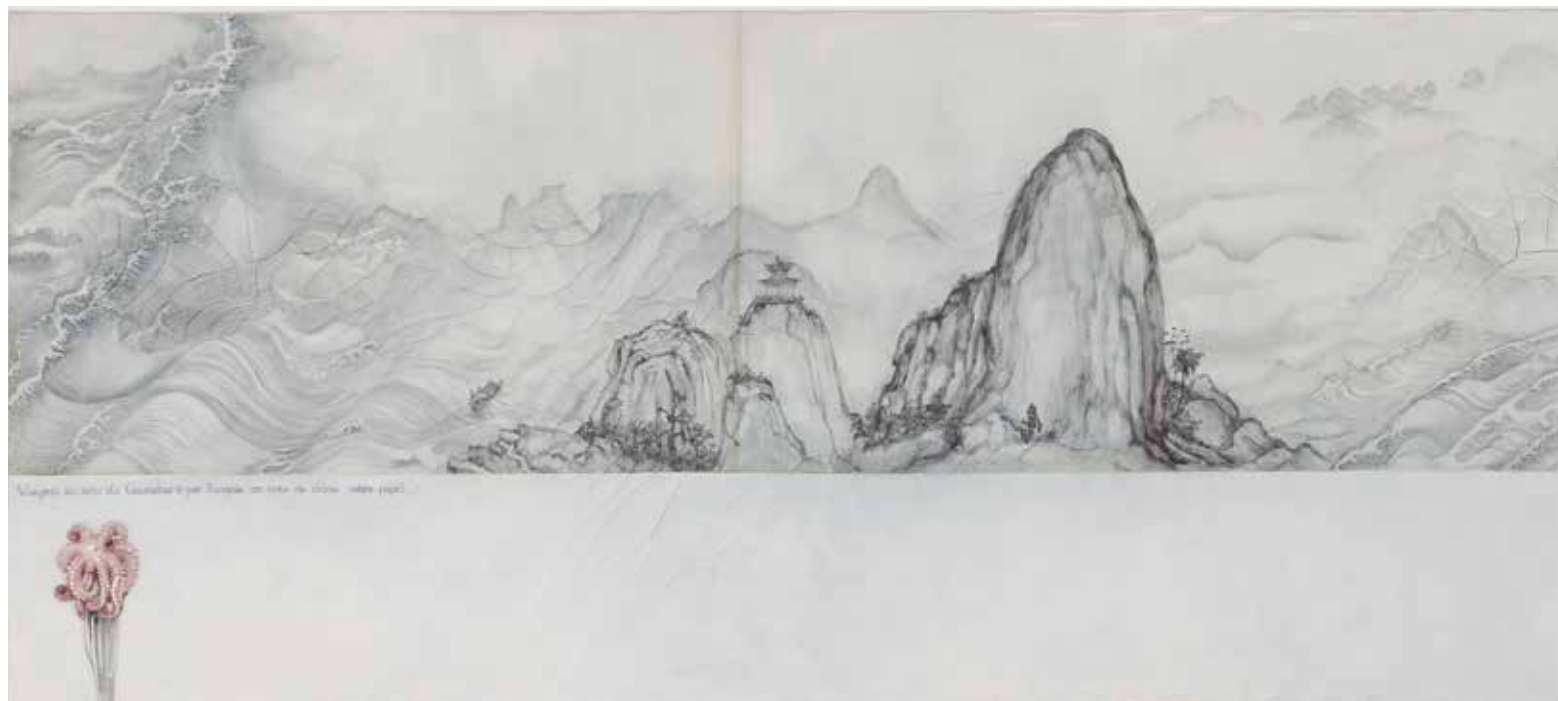
A. A. Santos *Revolta Armada*, 1893. Coleção Hecilda e Sérgio Fadel.



Emil Bauch *Vista do Rio de Janeiro tomada de Santa Teresa*, c. 1870. Óleo sobre tela. Coleção Hecilda e Sérgio Fadel.



Arnaud Julien Pallière *Vista da cidade tomada do morro de Santo Antônio*, s.d. Óleo sobre tela. Coleção Hecilda e Sérgio Fadel.



Flavio Shiró *Ladeira de Santa Teresa*, 1949. Óleo sobre tela.
Coleção Hecilda e Sérgio Fadel.



Giovanni Batista Castagneto *Praia de Santa Luzia à noite*, 1886.
Óleo sobre tela. Coleção Hecilda e Sérgio Fadel.



Adriana Varejão *Panorama da Guanabara*, 2012. Óleo e gesso sobre tela. Coleção particular.



Vik Muniz *Vista de Botafogo e do Pão de Açúcar, a partir de Malta*, 2009. Fotografia. Coleção MR Estúdio.



Daniel Lannes *Sonho de Getúlio*, 2015. Acrílica e óleo sobre tela. Coleção do MAR. Fundo Z.



Thales Leite *Baía, MAR e Rio*, 2016. Fotografia. Coleção do artista.



Rosalbino Santoro *Passeio Público*, 1884. Óleo sobre tela. Coleção Hecilda e Sérgio Fadel.



Martha Nicklaus *Horizonte Negro*, 2015. Vídeo. Coleção da artista.



Rosalbino Santoro *Antigo cais da Glória, 1894. Óleo sobre tela. Coleção Hecilda e Sengio Fadel.*



Maurício Hora *Morro da Providência, s.d. Fotografia. Coleção MAR. Fundo Z.*



Gustavo Dall'ara *Rua Buenos Aires (detalhe), Rio de Janeiro, 1899. Óleo sobre tela. Coleção Hecilda e Sengio Fadel.*

Abigail de Andrade *A hora do pão, 1899. Óleo sobre tela. Coleção Hecilda e Sengio Fadel.*

Emil Bauch *Vista da rua Direita, s. d. Óleo sobre tela. Coleção Hecilda e Sengio Fadel.*



Denilson Baniwa *A revolta das jubartes*, 2023.
Infogravura sobre MDF. Coleção particular.



Emile Galle *Vista da Pedra da Gávea*, 1910. Vidro em
"cameo", de múltiplas camadas com gravação em ácido.
Coleção Joaquim Monteiro de Carvalho.



Dimitri Ismailovitch *Barraco com Pão de Açúcar ao fundo a partir do morro de Santo Antônio*, anos 1920. Óleo sobre tela colado em cartão.
Coleção Mendes Cavalcanti.



Charles Decimus Barraud *Vista da barra tomada de Santa Teresa*, 1878.
Óleo sobre tela. Coleção Pedro Paulo Camargo.



Astrolábio Portugal, século XVI.
Bronze. Trata-se de um dos dois
únicos astrolábios existentes no
Brasil recolhidos de um naufrágio.
Coleção Marcus Monteiro.



Artesão desconhecido Miniatura de caravela
portuguesa de circa 1530. Objeto produzido
por volta de 1950. Coleção Marcus Monteiro.



Domingos Peixoto Mergulhão agoniza na praia de Mauá, em Magé, atingida pelo
vazamento de óleo na baía de Guanabara. Fotografia, 2000. Agência O Globo.



Pierre Verger Morro Copacabana, Rio de Janeiro.
Fotografia. Coleção MAR.



Gabriela Ezcurra
Banquete do sagui, 2024.
 Cerâmica policromada.
 Coleção da artista.



Jorge Mayet *Sem título*, 2024.
 Fio de metal, porcelana fria,
 poliuretano, fibra sintética e
 tinta acrílica, Coleção do artista.



Sergio Allevato *Flora carioca*, *Série retratos*, 2011. Óleo sobre
 linho. Coleção Marcia e Luiz Chrystome.



Tarsila *Marinha com pão de açúcar*, 1945. Óleo sobre tela de linho.
 16,5 x 22,2 x 1,7 cm. Coleção MAR / Aquisição pela Prefeitura da
 Cidade do Rio de Janeiro.



Leonardo Finotti *Jardim do Palácio Capanema, 2007. Fotografia.*
Coleção do artista.



Roberto Burle Marx *Desenho do projeto do terraço do edifício do Ministério da Educação e Cultura (atual Palácio Capanema), s.d. Coleção Instituto Burle Marx.*



Bruno Lechowski *Fundo da baía de Guanabara, 1932.*
Óleo sobre tela. Coleção Hecilda e Sérgio Fadel.



Bruno Lechowski *Ilha do Brocoió na baía de Guanabara, 1932.*
Óleo sobre tela. Coleção Hecilda e Sérgio Fadel.

Homenagem a Hecilda e Sergio Fadel

Hecilda e Sergio Fadel colecionaram arte por quase cinquenta anos como a inseparável relação entre arte, vida e educação de seus filhos Marcia, Marcelo e Marta. Os Fadel jamais negaram empréstimos para mostras públicas por entender que sua coleção era um bem coletivo à disposição da sociedade. O foco de dona Hecilda foi colecionar mulheres pintoras. O casal Fadel formou um acervo que o próprio Estado brasileiro não foi capaz de reunir em seus museus, com obras de Aleijadinho a Adriana Varejão. Hecilda e Sergio Fadel inventaram um novo Brasil através da arte.

PRESIDENTE FGV
Carlos Ivan Simonsen Leal

DIRETOR FGV CONHECIMENTO
Sidnei Gonzalez

ASSESSORA DO DIRETOR
Danielle Ribeiro

ASSISTENTE DO DIRETOR
Gabrielle Aquino

DIRETOR ADJUNTO FGV CONHECIMENTO
Carlos Augusto Costa

ASSISTENTE DO DIRETOR ADJUNTO
Catarina Ciock

FGV ARTE
CURADORIA
Paulo Herkenhoff
Luiz Alberto Oliveira
Marcus Monteiro

COORDENAÇÃO GERAL
Blanche Marie Evin

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Mauro Saraiva

PRODUÇÃO
Tatiana Belli

ADMINISTRAÇÃO
André Fernandes

PRODUÇÃO FGV ARTE
Bruno Oliveira

PROJETO EXPOGRÁFICO
Gisele de Paula

PESQUISA
Georges Gonçalves

DESIGN GRÁFICO
Susan Johnson
Pio Drummond
Marcela Pereira Lima
Isabella Lima
Fernanda Pimentel Simão

REVISÃO DE TEXTO
Elisabeth Lissovsky

ORGANIZAÇÃO DE CURSOS E OFICINAS
Reinan Ramos dos Santos

GESTÃO DE MÍDIAS SOCIAIS
Maria Eduarda Gimenes

COMUNICAÇÃO E PROJETOS
Luana Bianchi
Maria Eduarda Gimenes
Mariana Gomes
Marina Bichara

GESTÃO ADMINISTRATIVA
Elaine Cristina Pereira
Nicolle Plass Voss
Luana Policarpo
Nathalia Braga
Deise de Carvalho Santos

EDUCATIVO
Angélica Yonghui Wenjun
Carlos Eduardo de Azevedo Silva
Georges Gonçalves
Henrique Policarpo

MUSEOLOGIA
Andréa Zabrieszsch Santos, RJ
Bruna Lustosa, RJ
Carolina Dias, DF
Heloísa Biancalana, SP
Maria Gripp, RJ
Tatiana Aragão, RJ
Verônica Cavalcante, RJ

TRANSPORTE
FINK Mobility

AGRADECIMENTOS
Alexandre Bianchini
Alexandre Pinheiro
Amanda Bonan
Andréa Zabrieszsch Santos
Anita Schwartz
Anna Dantes
Anna Maria Reis
Anselmo Henrique Seto Leal
Antonio Almeida
Bruna Nicolau
Carlos Dale
Carol Marin
César Aché
Conrado Mesquita
Denise Bendiner
Denise Gliglemeti
Eduardo Paes
Eduardo Schnoor
Elton Leme
Fernando Leite
Flavio Papi
Gedley Braga
Gustavo Carneiro Soares Affonso
Guilherme Carneiro Soares Affonso
Hecilda Fadel
Herbert Albuquerque Vieira
Ivana Bentes
João Pinto da Silva
José Rosildete de Oliveira
Karla Osório
Lauro Cavalcanti
Leila Scaf Rodrigues
Letícia Herkenhoff
Luciana e Luis Antonio de Almeida Braga
Luciana Osório
Marcelo Campos
Marcelo Fadel (in memoriam)

Márcia Fadel
Marcio Bottner
Marco Paulo Pereira
Marco Ruediger
Marcus Faustini
Maria Clara Rodrigues
Margareth Telles
Marta Fadel
Max Perlingeiro
Milton Guran
Ondemar Dias
Onice Moraes de Oliveira
Patrícia Borba Werner
Paulo Knauss
Paulo Luiz Carneiro
Paulo Roberto Soares Santos
Pedro Buarque de Holanda
Pedro Paulo Camargo
Renato Magalhães Gouvêa Jr.
Rafael Casado
Sandra Sérgio
Sérgio Fadel (in memoriam)
Sílvia Finguerut
Soraia Cals
Teresa Carneiro
Victor Lucas
Wallace Anselmo Guiglemeti
Wanda Klabin

Disponibilizamos visitas mediadas à exposição mediante solicitação de agendamento no site fgvarte.com.br
Em casos especiais ou para maiores informações sobre o agendamento, entre diretamente em contato com a equipe de educação pelo email arte@fgv.br ou pelo telefone (21) 3799-5537



Yolanda Freyre
Azul para você,
 c. 1924. Pintura a
 guache sobre jornal
 pintado. s.d.
 Coleção da artista.



Osvaldo Gaia *Luz de uma esperança,* 2024. Madeira.



Nicola de Garo *Cais,* c. 1924. Óleo
 sobre tela. Coleção Mendes Cavalcanti.

COLEÇÃO
 HECILDA E SERGIO FADEL

A.A. Santos
 Abigail de Andrade
 Antonio Rafael Pinto
 Bandeira
 Arnaud Palliere
 Bernhard Wiengandt
 Bruno Lechowski
 Emil Bauch
 Fernando Montesinos
 Georg Grimm
 Giovanni Battista Castagneto
 Gustavo Dall'Ara
 Henri Nicolas Vinet
 Maria Amélia Costa
 Quinsac de Monvoisin
 Rosalbino Santoro

COLEÇÃO
 MARCUS MONTEIRO

Alfred Martinet
 Américo Vespúcio
 Andre Thevet
 Augustus Earle
 Baptiste Louis Garnier
 Barral
 Giovanni Ramusio
 Hans Staden
 Jacques Arago
 Jean-Baptiste Debret
 Jean de Lery
 Joanne Blaeu
 João Dias
 Johann Rugendas
 Jorge Selarón
 Mestre de Iguassu
 Theodore de Bry
 Vincenzo Maria Coronelli
 Victor Frond
 Willem Janzoon Blaeu

COLEÇÕES
 DIVERSAS

Achille Isidore Gilbert
 Adriana Varejão
 Alan Fontes
 Alfredo Ceschiatti
 Anna Dantas
 Antoine Maurin
 Arthur Omar
 Arthur Timotheo da Costa
 Augusto Malta
 Belmiro de Almeida
 Bruno Veiga
 Caio Reisewitz
 Charles Decimus Barraud
 Constantinos Doxiadis
 Daniel Lannes
 Décio Villares
 Denilson Baniwa
 Dimitri Ismailovitch
 Domingos Peixoto
 Eduard Hildebrandt
 Edward Nicolle Jr.
 Eliseu Visconti
 Emile Gallé
 Fernando Lindote
 Flavio Papi
 François Froger
 Glauco Rodrigues
 Gustavo Caboco
 Ivens Machado
 J. J. Sampaio
 Jacques Funck
 Jaime Lerner

James Dickson
 João Baptista da Costa
 José Maria Reis Jr.
 Joelington Rios
 John Le Capelain
 José Maria Reis Jr.
 Jota
 Le Corbusier
 Leon D'Escoffier
 Leonardo Finotti
 Lucia Laguna
 Maria Fornero
 Matheus Marques Abu
 Maurício Arraes
 Max Radiguet
 Mestre Valentim
 Nicola de Garo
 Osvaldo Gaia
 Otto Grashof
 Panmela Castro
 René DuGuay Trouin
 Roberto Burle Marx
 Rogério Reis
 Sérgio Allevato
 Tarsila do Amaral
 Teresa Stengel
 Thereza Miranda
 Tolamán Kenhíri
 (Luiz Gomes Lana)
 Umúsin Panlón Kumu
 (Firmiano Arantes Lana)
 Vik Muniz
 Yolanda Freyre



Arthur Omar *A Ascensão de Mário, o pintor,* 1996. Video.



Reis Júnior *Cais*, 1926. Óleo sobre tela. Coleção particular.

16 de outubro de 2024 a 27 de fevereiro de 2025

ter a sex | 10h às 20h

sáb e dom | 10h às 18h



Praia de Botafogo, 190

Rio de Janeiro, RJ

fgvarte.com.br

arte@fgv.br



Panmela Castro *Saudade IX*, 1922. Óleo sobre tela. Coleção Luisa Strina.